

Gèlèdè: o poder feminino na cultura africana-yorùbá¹

Olúségun Michael Akínrúlí

A África é sempre vista como uma sociedade extremamente machista onde para os mal informados, a poligamia e as mulheres causam uma tensão desconfortável e as mesmas são sempre privadas dos seus direitos. Para clarear este fato, será explicado como as mulheres são percebidas na cultura africana-yoruba e também demonstrando tanto os seus poderes quanto os seus papéis naquela cultura.

Introdução

Toda sociedade tem sua cultura que é única e nela são encontrados os valores e normas que estruturam os indivíduos de tal cultura. Cada pessoa enxerga as de outra cultura de uma forma diferente, pois a cultura de uma pessoa faz com que ele perceba as coisas de forma peculiar relacionada a cultura a que ele pertence.

Na cultura Yorùbá, a mulher é vista de diferentes maneiras. A mulher é vista como mãe, esposa, filha, deusa e até bruxa. Para os

Yorùbá, o maior valor dado a mulher é de mãe porque os Yorùbá reverenciam as mães² que eles também chamam de Ìyá nlá (grande mães) ou de Ìyààmí (Nossas mães).

Mulheres na Cultura Yorùbá

Acredita-se que as mães possuem poderes espirituais ou divinos. Esta crença é mostrada neste dito Yorùbá:

Òrìsà bí ìyá kòsì Orixá igual mãe não existe

Òrìsà bí ìyá s'òwón Orixá igual mãe é raro.

Um outro dito popular Yorùbá diz:

Ìyá ní wúrà Mãe é ouro

Bàbá ní dínjí Pai é espelho

Pela visão Yorùbá, entre todos os metais no mundo, ouro é o mais valioso e o espelho demonstra o papel do homem como modelo para o filho.

Tão grande é o valor dado às mães, que dizem:

È bá jé ka f'òrìsà sílè Seria melhor deixarmos de cultuar Orixás

ka bò Ìyá wa Para cultuar as nossas mães.

A maneira pela qual as mães são reverenciadas na cultura Yorùbá faz com que todas as

¹ Texto anteriormente publicado pelo Instituto Yorùbá (www.institutoyoruba.com)

² Os yorùbá referem às mulheres como mães, independentemente de terem filhos ou não. Então neste artigo, a palavra mãe também refere a mulheres em geral.

mulheres procurem ser mães³. Este elogio afirma isso.

Òrìsà bí ìyá kòsì Orixá igual a mãe não existe

Ìyá lá bá máa bo Vale apenas cultuarmos nossa mãe.

As mães são bem importantes na cultura Yorùbá porque se acredita que a continuidade da humanidade depende delas. Além de serem progenitoras dos filhos, elas também desenvolvem um papel crucial na articulação das economias locais como boas feirantes.

Segundo Pierre Verger, ao remontar à importância da feira, especialmente para os Yorùbá, mostrava a presença das mulheres como grandes negociantes, sendo que no mercado, comparadas aos homens, elas são maioria.

Citando o texto do Bernardo (2005) na sua publicação: O candomblé e o Poder Feminino...

“A atividade de troca que ocorre nas feiras parece ser de importância incontestável para as mulheres iorubás, pois elas se submetem à separação de suas famílias: quando jovens, deixam seus lares para ir comerciar em mercados distantes; quando idosas, mandam suas filhas para as feiras importantes e permanecem próximo a suas casas com seus tabuleiros, ou, então, abrem pequenas vendas. Evidencia-se que essas trocas realizadas nas feiras tanto podem ser para a subsistência como para alguma acumulação. Neste último caso, é importante sublinhar, a mulher não está trabalhando para o seu cônjuge.

Ela compra a colheita do marido, a revende na feira e fica com o lucro. Nessa perspectiva, pode-se avaliar a autonomia da mulher iorubá: deixa a própria família, se embrenha em caminhos distantes para chegar às feiras; compra a produção de seu próprio marido, revende e permanece com o lucro; é, enfim, uma ótima comerciante.

Mas a sua importância parece ser mais abrangente à medida que se visualiza a feira não somente como a complementaridade econômica, ela é o *locus* privilegiado de outras trocas além de bens materiais. Nas feiras trocam-se também bens simbólicos: notícias, modas, receitas, músicas, danças. Estreitam-se relações sociais. Ali são realizadas alianças importantes; ali também ocorrem os namoros, acertam-se casamentos.

Percebe-se, assim, que o papel da mulher iorubá vai além do desempenhado nas atividades econômicas. Ela é mediadora não só das trocas de bens econômicos, como também das de bens simbólicos. O lugar social ocupado pela mulher iorubá, sem sombra de dúvidas, possibilita-lhe o exercício de um poder fundamental para a vida africana”.

É importante salientar neste ponto que estas mulheres, devido aos seus papéis na economia yorùbá, tornam-se, muitas vezes, mais ricas que os seus próprios maridos.

Mesmo assim, o sustento da família continua sendo a responsabilidade do marido. Isso faz com que elas sejam mais autônomas, ao mesmo tempo diluindo a dominação masculina nas famílias yorùbá até nas poligâmicas.

Outro papel desenvolvido pelas mulheres na cultura yorùbá é da administração dos reinos. Na mesma publicação da Teresinha citando Silveira, “Na organização dos reinos fons e nagô-iorubá, as mulheres desempenharam um papel ativo, eram elas quem administravam o palácio real, assumindo os postos de comando mais importantes, além de fiscalizarem o funcionamento do Estado”

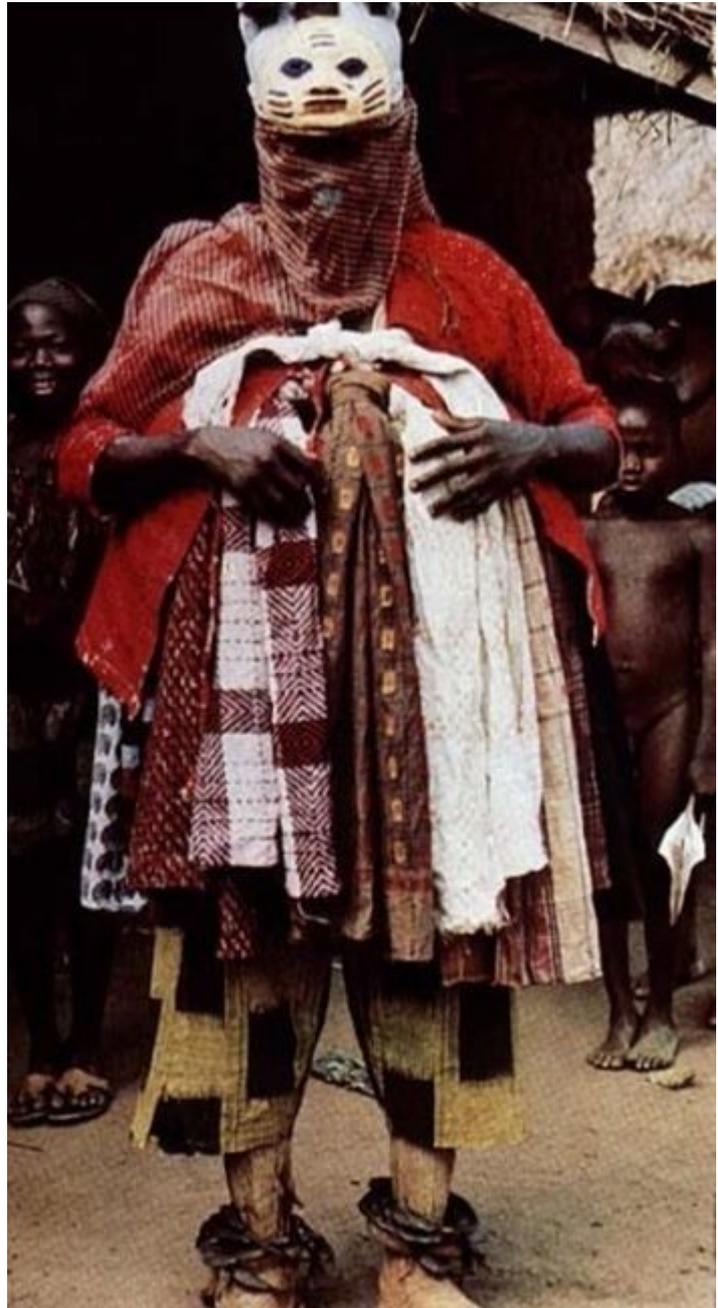
Em virtude destes e pelo reconhecimento dos papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade, foi criada a Instituição de Gèlèdè cujo objetivo e função é honrar e fazer homenagens as mães.

³ Isso refere às qualidades e características de mãe: calma, honesta, generosa e.t.c.

Gèlèdé também chamado Efe demonstra o reconhecimento do poder especial que as mulheres detêm que pode ser usado para fazer tanto malefícios quanto benefícios. São poderes de “axé, força espiritual de vida entre outros” Aliás, a arte de Gèlèdé é realmente para acalmar, homenagear e agradar estas poderosas - nossas mães.

Acredita-se que as mulheres podem usar estes poderes criativamente para ajudar aos seus maridos, filhos e a sociedade em geral. Quando elas estão enfurecidas, podem usar o poder de uma forma destrutiva para atingir até a comunidade inteira. Nesta ocorrência, as mulheres são chamadas de Àjé (Bruxas). Então o espetáculo de Gèlèdé vem para tranquilizar e mimá-las para não usarem estes poderes negativamente.

No espetáculo de Gèlèdé, máscaras e roupas coloridas são exibidas junto com muitas artes: dança, música, acrobacia etc. Máscaras e vestidos cobrindo todo o corpo são usados por homens a fim de homenagear e reconhecer o poder especial que as mulheres detêm. Normalmente, estas mulheres são chamadas carinhosamente de Iyaami “Nossas Mães”. Este festival acontece entre o mês de março e maio.



Gèlèdé



Gèlèdè – Museu de História Natural de Nova York

Segundo Lawal (1996), “Gèlèdè é uma forma de propagar respeito para as mulheres e ao mesmo tempo usando o espetáculo para entreter o público em geral. Também é uma forma de conscientizar, educar e mostrar o poder feminino na sociedade, tudo ao mesmo tempo”.

A sociedade de Gèlèdè também tenta manter bom relacionamento de gêneros através da defesa da ideia de respeito para as mulheres dentro de uma cultura patrilinear, como a dos Yorùbá onde os homens dominam a instituição familiar.

Para ter uma idéia nítida da concepção dos poderes femininos na cultura Yorùbá, acredita-se que o sangramento mensal de mulheres é considerado como uma fonte poder e mulher no seu período de menstruação pode deixar qualquer medicina tradicional ou até feitiço impotente. Por este motivo as mulheres são normalmente impedidas de mexerem com quaisquer rituais e/ou feitiços ou entrarem nos lugares considerados sagrados durante o período de menstruação.



Espectáculo de Gèlèdè (1969)

Devido a estes poderes atribuídos às mulheres, estatuetas poderosas e ritualísticas tem sido criadas para valorizar os órgãos que contribuem para a maternidade. Destaca entre elas, **a vagina**, também chamada ‘òná òrun’ – o caminho para céu – ‘omú’ – **os seios** e o ‘ìkunle abiyamo’ **o ajoelhar** com as dores no dia de dar a luz (Makinde, 2004).



Iroke Ifá

Conseqüentemente, o Yorùbá evita provocar a sua mulher para não levar maldições e para evitar as conseqüências que ele pode sofrer. Importante dizer que o homem Yorùbá não ficaria quieto ou em paz se durante um desentendimento a mulher ameaça ficar nua para manifestar a sua insatisfação. Isso porque a vagina em si é considerada axé (força).

As mães podem ser muito benevolentes quando são bem tratadas e respeitadas pelos homens; a função que o Gèlèdé vem a fazer. Por isso, os Yorùbá também acreditam no dito popular que, ‘atrás de todos os homens bem sucedidos, existe uma mulher’ Abiodun (1989) acrescenta, quando uma menina é tida

como o primeiro filho, isso traz muita sorte para o casal ou a família. É da crença desta cultura que a nenê traz “owó èrò” – a mão de posse. Ou seja, o casal vai conseguir atingir seu objetivo mais fácil.

Na África, o valor dado a mulheres é muito mais inerente aos valores culturais e religiosos. Isso assegura a atitude correta de homens para mulheres, porque o valor dado a elas é mais enraizado na religiosidade. Contrário aos seus colegas ocidentais, onde o valor dado para as mulheres é mais baseado em status social.

Na cultura Yorùbá as mulheres sempre são ligadas às deusas africanas como Osun, Yemoja, Oya entre outras. Todas estas deusas são associadas à água (omi) de uma forma ou outra. Água na cultura Yorùbá representa a indispensabilidade e a fonte de vida como as mães são para os Yorùbá. Pois o dito Yorùbá, Omi ni àbù wè Água é indispensável para o banho Omi ni àbù mu Bebemos água Kò si eni n ba omi sota. Ninguém faz inimidade com água.

Como visto acima, as mulheres são indispensáveis para os Yorùbá. Elas são iguais a água. Para mostrar esta indispensabilidade das mulheres, Verger (1965) cita um verso Yorùbá;

<i>O ni gbogbo obun ti enia ba n se</i>	Em tudo que fazemos
<i>Ti ko ba fi ti obinrin kun un</i>	Se não garantimos o lugar da mulher
<i>O ni ko le seese...</i>	Nada vai funcionar
<i>O ni ki won o maa fi iba fun obinrin</i>	Devemos reconhecer o poder das mulheres
<i>O ni ti won ba ti fi iba fun obinrin</i>	Quando reconhecermos o poder das mulheres
<i>Ile aye yio maa toro</i>	O mundo vai ser pacífico.

É mister salientar que como água é benevolente para a nossa vida, ela pode ser também malevolente causando enchentes e até tsunamis. O mesmo é o poder das mães. Elas podem usar para fazer mal, quando maltratadas e bem quando são respeitadas, honradas e elogiadas. Yemoja (mãe dos peixes) é uma das deusas em honra do qual Gèlèdé é celebrado. Ela é símbolo de maternidade entre os Yorùbá e o oriki (poesia de louvar ou genealógica) dela demonstra isso:

<i>Iya oloyan oruba</i>	A mãe, dona dos grandes seios igual pote
<i>Onirun abe osiki</i>	Com muitos pelos pubianos
<i>A b'obo fun ni l'orun bi egbe isu</i>	A dona da vagina que sufoca igual inhame seco na garganta.

(Makinde 2004).

Este oriki demonstra mais uma vez as partes importantes para maternidade; os seios e a vagina. Os peitos grandes ou enormes são considerados a fonte de leite inacabável para amamentar e alimentar o mundo. Enquanto a vagina sufocadora é a fonte de poder de vida e a morte.

O festival de Gèlèdé então vem para aliviar esta tensão causada pelo conhecimento dos poderes femininos. Evidentemente, por isso que o rei William Adetona Ayeni de uma das mais importantes cidade tradicional do reino Yorùbá, Ila-Orangun diz “sem ‘as mães’ não conseguiria reinar”. Isto demonstra o reconhecimento das mães como uma força na tradição Yorùbá.

A máscara de Gèlèdé

A máscara de Gèlèdé possui duas partes. A primeira parte consiste uma máscara que demonstra o rosto de uma mulher, a sua expressão facial mostra paciência, tranquilidade e sutileza, algumas das qualidades esperadas de uma mulher. A simplicidade e a expressão estática desta parte encontram-se em contraste com a segunda parte que consiste uma superestrutura. O seu desenho é feito para tensão em relação ao

poder feminino. Esta parte projeta as mãos mostrando os seus poderes internos para todos verem. Porém respeitando-as, elas são benevolentes para toda a comunidade.

Dentro da Máscara de Gèlèdé

Aqui os artesãos Yorùbá demonstram os seus talentos únicos para desenvolver e projetar esta complexidade dos poderes femininos através das suas artes.



Máscara de Gèlèdé

Esta máscara mostra uma galinha na parte superior, este representa o poder das mulheres quando provocados tendem a usá-lo negativamente. Quando assim, são chamadas de Àjé (Bruxas). A mesma também explica o fenômeno de *Yèyé*.

Os Yorùbás chamam as mães de *Yèyé* ou *Ìyá*.

Yèyé veio do verbo *yé* que significa *chocar*.

Então a palavra elusiva a elas *yèyé*, aquele que dar-a-luz ao humano como uma galinha que choca. As cobras simbolizam as qualidades femininas positivas de paciência e tranquilidade. A cobra se enrola pela frente da máscara avisando muita cautela e vigilância. É melhor colocar “a cobra dorme, mas continua vendo”. Isso demonstra também as características de mulheres de extrema paciência, mas perigosas igual cobra quando maltratadas.



Máscaras de Gèlèdè

Observe que as máscaras sempre mostram uma galinha bicando uma cobra ou vice-versa.

Isso é mais uma tensão criada nesta arte complexa. Esta briga de cobra-galinha tende a demonstrar o quanto malevolentes as mulheres podem ser quando desrespeitadas ou maltratadas.

É bom Lembrar que somente os homens vestem a fantasia de Gèlèdè, pois não teria sentido se mulheres a vestissem em homenagem a si mesmas. Por isso que são os homens que se reúnem para fazer este espetáculo.

A fantasia demonstra as características de uma bela mulher, com seios enormes e bunda grande referindo-se a alguma mulher específica cujos atributos eles querem projetar para o público. Enquanto isso, músicas, danças com muitos ritmos vão ao ar. Algumas destas músicas são usadas, nesta oportunidade, por homens para elogiar àquelas que amam. Também, podem usar estas músicas para questionar, ou falar mal de alguém por praticar atitudes não desejadas. Neste caso, as mensagens são trazidas para o público numa forma retórica, de forma que os envolvidos consigam decifrá-las. As danças são extremamente coordenadas seguindo uma coreografia rígida, assim mostrando a união de um povo, a sua alegria e sua consciência em relação à importância das mulheres.



forç. Iroke Ifá

Este festival é sempre o mais cobiçado e o mais animado do ano na sociedade.

Há um dito popular Yorùbá que justifica isso, “até você ver o espetáculo de Gèlèdè, você não viu nada ainda”

O reconhecimento das mulheres também é projetado em várias outras peças artísticas Yorùbá, onde a maioria tenta demonstrar este poder feminino. Vamos pegar o Ìròkè por exemplo.

O Iroke é uma peça de arte Yorùbá usada pelos Babalawo (sacerdote de Ifa) para fazer àse (axe) ou instituir poder durante as suas rezas. O Iroke consiste em três partes, a parte superior mais pontudo, que segundo Abiodun na sua publicação chamada “O segredo escondido” simboliza o Orí (cabeça) espiritual interior.

A segunda parte é do meio que normalmente mostra uma mulher ajoelhada, nua segurando os seus seios, simbolizando humanidade na escolha do Orí (destino) no céu.

A mulher é mostrada em uma posição ajoelhada chamada “ìkúnlè- abiyamo” (o ajoelhar com dores ao dar a luz), isso significa que ela está implorando o apoio dos deuses para que seja feita uma boa escolha do Orí (destino). Esta posição de joelhos e nua durante o parto é considerada muito poderosa para dar àse (axê) aos desejos da humanidade. A terceira parte por sua vez dá o suporte para a peça. Mais uma vez, o reconhecimento de poderes femininos é projetado nesta peça artística – Iroke Ifá- para demonstrar a crença que as mulheres são axê,

o sacerdote usa esta peça, balançando-a para implorar a energia, axê quando faz as suas orações.

Acredita-se que os poderes femininos foram dados a elas por Deus supremo Olodumare.

Esta crença é demonstrada nesta mitologia Yorùbá onde Osun (Oxum) (a deusa das águas) foi discriminada e abandonada pelos 16 deuses masculinos que o Deus supremo mandou para o mundo junto com a Osun para fazer o mundo- Ile-aye.

Estes deuses masculinos menosprezaram, desrespeitaram e acharam Osun insignificante para a missão. Quando eles chegaram no Ilê-aye, eles começaram a cumprir as tarefas mandadas por Deus, mas deixaram de incluir Osun em tudo que eles faziam. Isso porque consideraram Osun, apenas uma mulher e a ela não davam nenhum valor.

Ela manteve a calma, não chamou atenção deles e nem brigou, como uma das características esperadas das mães. Em vez disto, ela só observava os 16 enquanto os seus fazeres davam errado. Ao perceberem que as coisas não andavam mais de acordo com o prometido pelo Deus, eles decidiram ir a ele para reclamar do mau andamento.

Quando chegaram a Olodumare _ Deus, eles colocaram as suas insatisfações com a missão perante a ele. E veja, quando eles voltaram para o Deus para reclamar, eles nem sequer, informaram ou convidaram a Osun: a décima sétima deusa na missão.

Surpreendentemente, o Deus logo os perguntou por Osun, eles responderam “a nossa décima sétima pessoa é Osun, é apenas uma mulher e não tem muita importância nesta questão. Pois viemos aqui para reclamar do mau andamento das coisas no Ilê-aye” assim eles responderam arrogantemente menosprezando a participação feminina na missão que eles consideravam um assunto especificamente masculino.

O verso do Ose-Otura, do corpus do Ifá coloca mais luz a isto. Observe este extrato do verso:

Olodumare ni: “Eyin melo Le lo se Ile-aye?”

Won ni: “awon meringinlogun ni”

Olodumare ni: “Eni ketadinlogun Yi nko?”

Won ni: “se bi Obirin ni, se bi Osun ni”

Olodumare ni: Osun ni be ni ibi ikoko

ti ko jê ki Ebo Okantelelimwo Irunmole o jê.

Won a fi é ba pada, k elo ree ba Osun

Won wa pada si Ile-aye

Won ba Yewa ni odo

Won ni: “ore Yeye Osun, ore Yeye Osun, ore Yeye Osun”

Won ni: “eba jê ki a Kunle, ki a ki Obirin

a se obirin ni o bi wa

ki awa o to di eniyan”

Ore Yeye Osun!

Ore Yeye Osun!!

Ore Yeye Osun!!!

Tradução

Olodumare disse: “quantos de vocês foram para faze ile-aye?”

Responderam: “nós, dezesseis”

Olodumare disse: “cadê a décima sétima pessoa?”

Responderam: “é apenas uma mulher, é Osun”

Olodumare disse: “Osun é responsável pelo mau-andamento dos seus fazeres”

Ela que não deixou as suas rezas venhas a ser.

Olodumare então pediu para eles voltaram para Ilê-aye para pedir desculpas à Osun

Eles então voltaram para Ile-aye

Encontraram Yewa na beira do rio

Dizeram: “Ore ye ye Osun!, ore Yeye Osun!!, Ore Yeye Osun!!!”

Dizeram: “seria melhor de nós ajoelharmos para reverencia as mulheres.

Se não fosse mulheres que deram a luz a nós não seríamos gentes.”

Ore Yeye Osun!

Ore Yeye Osun!!

Ore Yeye Osun!!!

Referências

- ABIODUN, Rowland. 1989. Women in Yorùbá Religious Images. **African Languages and Cultures** 2(1): 1–18.
- BERNARDO, T. O Candomblé e o Poder Feminino. In Revista **Revista de Estudos da Religião** vol. 2. São Paulo, 2005.
- LAWAL, Babatunde. **The Gèlèdè Spectacle: Art, Gender and Social Harmony in an African Culture**. Washington, University of Washington Press, 1996.
- MAKINDE, Taiwo. Motherhood as a Source of Empowerment of Women in Yorùbá Culture. **Nordic Journal of African Studies**, 13(2): 164–174 (2004)
- SILVEIRA, Renato da. "Jeje-nagô, iorubá-tapá, aon-efan, ijexá: processo de constituição do candomblé da Barroquinha (1764-1851)". In: **Revista cultura**, vol. 6. Petrópolis, Vozes, 2000.
- VERGER, Pierre. **Artigos**: tomo I. São Paulo, Loyola, 1991.
- _____. **Artigos**. Tomo I. São Paulo, Corrupio, 1992.
- VERGER, Pierre. **Culturas africanas**. São Luís do Maranhão, UNESCO, 1986.
- VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de todos os santos: dos séculos XVII a XIX**. São Paulo: Corrupio, 1987.
- FOTOS, RAND AFRICAN ART